

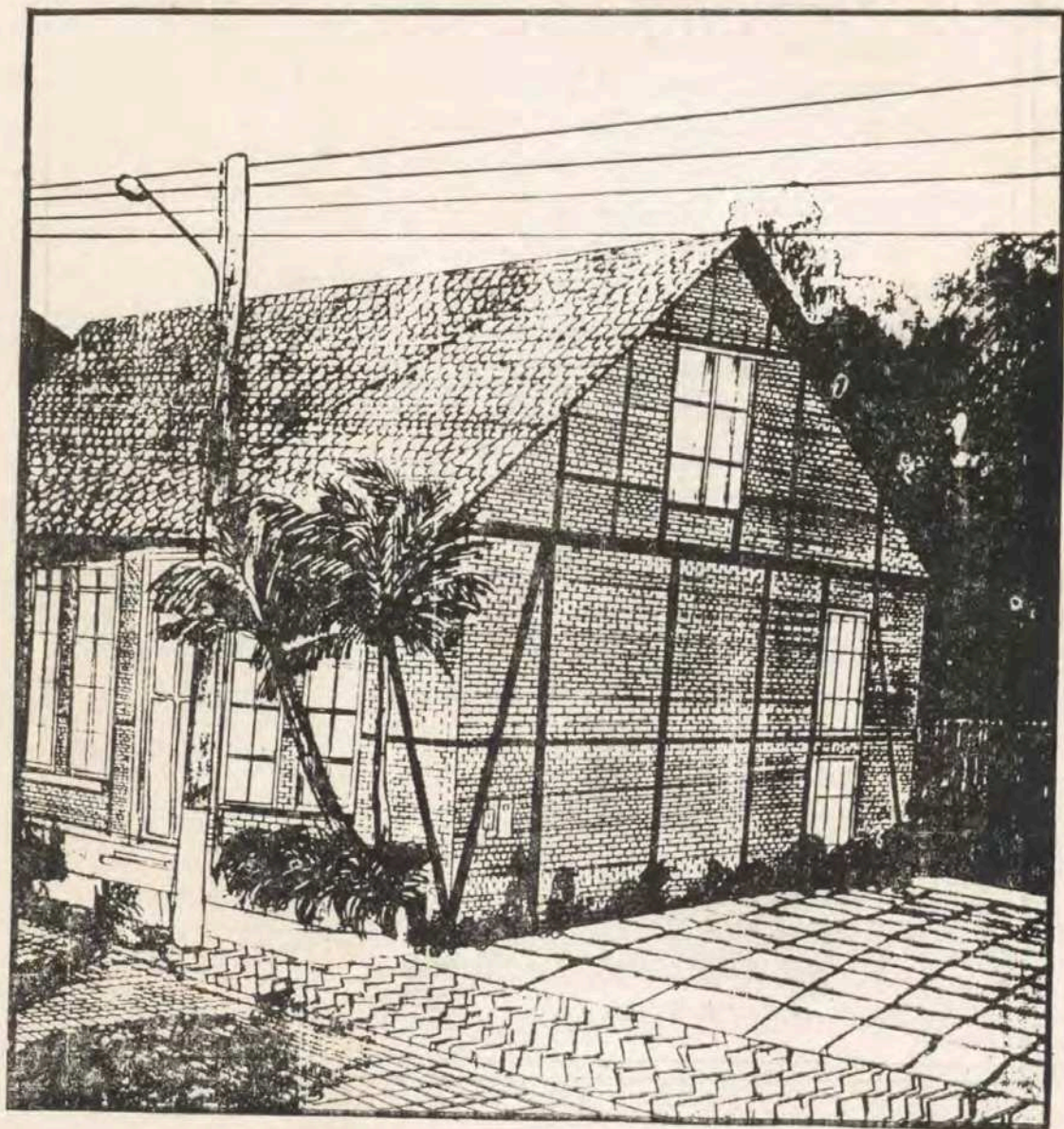
Blumenau em cadernos

TOMO XXXI * Fevereiro de 1990 * Nº. 2

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Hierwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXI

Fevereiro de 1990

Nº. 2

SUMARIO

Página

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos	34
Características de uma progressiva colonização	37
Subsídios Históricos	40
Planejamento faz avaliação de atividades com vistas ao Seminário da Administração	41
«O Amigo Escrito»	43
Die «Neue Deutsche Schule» «A Nova Escola Alemã»	44
Autores Catarinenses	48
O futuro da nossa exportação de madeira e a preocupação com o re-florestamento	51
Aconteceu — Janeiro de 1990	55
C a r t a s	56
Restaurando o nosso mais antigo patrimônio	58
A primeira exposição agroindustrial	59

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) NCz\$ 20,00 + 5,00 (porte) = NCz\$ 25,00

Número avulso NCz\$ 5,00 — Atrasado NCz\$ 10,00

Assinatura para o exterior NCz\$ 100,00 + 50,00 (porte) = NCz\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

TERMOS DO LIVRO DE TOMBO (VI)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Termo 261: Provisão de fabri-queiro da igreja de Blumenau em favor do Rev.mo Pe. Superior do convento dos franciscanos, em .. 26.07.1905.

Termo 262: Termo de bênção da capela Santa Isabel no Garcia, em 30.07.1905.

Termo 263: Carta Circular do Sr. Bispo aos vigários sobre o retiro espiritual, em 03.05.1905.

Termo 264: Provimento da visita pastoral do Sr. Bispo Diocesano, Dom Duarte Leopoldo e Silva, em 14.09.1905.

Termo 265: Pedido de Fr. Chrysólogo ao Sr. Bispo para erigir a Via Sacra nas capelas de Encano Alto e Rio Morto. Concedido em 05.09.1905.

Termo 266: Pedido de Fr. Chrysólogo ao Sr. Bispo para erigir a Via Sacra na capela Santa Isabel da Hungria no Garcia, em 05.09.1905.

Termo 267: Pedido de Fr. Chrysólogo ao Sr. Bispo para abençoar uma cruz no cemitério de Rio do Testo. Concedido em 05.09.1905.

Termo 268: Pedido de Fr. Chrysólogo ao Sr. Bispo para construir uma capela em Itoupavazinha, em 21.08.1905.

Termo 269: Pedido de Fr. Chrysólogo ao Sr. Bispo para expor o SS. Sacramento na igreja Santa Inês de Indaial, aos domingos e dias santos. Concedido em 05.09.1905.

Termo 270: Pedido de Fr. Chrysólogo ao Sr. Bispo para expor o

SS. Sacramento na capela das Irmãs da Divina Providência. Concedido em 05.09.1905.

Termo 271: Pedido de Fr. Chrysólogo ao Sr. Bispo para abençoar as capelas de São Bonifácio do Encano e de São Luís de Encano Alto. Concedido em 05.09.1905.

Termo 272: Provisão de dispensa matrimonial em favor de José Zuchara e Anna Koprowska.

Termo 273: Provisão de dispensa matrimonial em favor de João Patrício Correia e Francisca Alexandrina Rosa, em 16.09.1905.

Termo 274: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Firmínio Silveira e Margarida Rosa de Jesus, em 17.09.1905.

Termo 275: Provisão de dispensa matrimonial em favor de José Luis Cardozo e Josepha Agatha Salvador do Nascimento, em .. 15.09.1905.

Termo 276: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Miguel Manoel e Idalina de Jesus, em 15.09.1905.

Termo 277: Provisão quatrienal de celebração de missa para as capelas de Santa Inês de Indaial, do Sagrado Coração de Jesus de Guarany-Mirim, de N. S. do Rosário em Braço do Norte de Treze de Maio. Provisão trienal de celebração para a capela de Treze de Maio. Provisão bienal de celebração para as capelas de São Ludgero em Rio do Testo e N. S. da Ajuda de Warnow, todas em 01.01.1905.

Termo 278: Provisão de Dom

Duarte, doando parte do terreno da matriz aos padres franciscanos, em 09.09.1905.

Termo 279: Pedido de Fr. Chrysólogo ao Sr. Bispo para que parte do terreno da matriz seja anexado ao cemitério por ser este muito pequeno, em 24.09.1905.

Termo 280: Termo de bênção da imagem de Santa Isabel da Hungria na capela do Garcia, em ... 19.11.1905.

Termo 281: Provisão de fabri-queiro da igreja matriz em favor de Fr. Chrysólogo, em 22.12.1905.

Termo 282: Provisão de vigário encomendado da paróquia em favor de Fr. Chrysólogo, em 22.12.1905.

Termo 283: Faculdades em favor de Fr. Chrysólogo Kampmann, em 22.12.1905.

Termo 284: Provisão de Faculdades, idem.

Termo 285: Provisão bial de celebração de missa para a capela Santo Antônio de Pádua, em Sete de Janeiro, em 09.02.1906.

Termo 286: Provisão de Conselho de fábrica para a Igreja Matriz de Blumenau.

Termo 287: Provisão de Conselho de fábrica para a capela Santa Isabel.

Termo 288: Provisão de Conselho de fábrica para a capela São Ludgero, Rio do Teste.

Termo 289: Provisão de Conselho de fábrica para a capela Santa Inês, de Indaial, todas estas em data de 01.01.1906.

Termo 290: Termo de bênção da capela de São Bonifácio no Encano, em 15.08.1906.

Termo 291: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Jacob Reinert e Anna Manes, em 27.11.1906.

Termo 292: Provisão de vigário encomendado da paróquia de Blumenau em favor de Fr. Marcelo Baumeister, em 20.12.1906.

Termo 293: Provisão de faculdades em favor de Fr. Marcelo.

Termo 294: Provisão de faculdades em favor de Fr. Marcelo, em 20.12.1906.

Termo 295: Provisão do Conselho de fábrica para a matriz de Blumenau.

Termo 296: Provisão do Conselho de fábrica para a capela Santa Inês, Indaial.

Termo 297: Provisão do Conselho de fábrica para a capela São Ludgero, Rio do Teste.

Termo 298: Provisão do Conselho de Fábrica para a capela Santa Isabel, no Garcia, todas estas em 19.01.1907

Termo 299: Visita do Ex.mo e Rev.mo Sr. Nuncio Apostólico Dom Júlio Tonti à paróquia de Blumenau, de 21.07 a 24.07 de 1906.

Termo 300: Visita do Sr. Bispo Diocesano de Curitiba à paróquia de Blumenau de 30.01 a ... 02.02.1907.

Termo 301: Provisão do Conselho de fábrica da capela de Warnow.

Termo 302: Provisão do Conselho de fábrica da capela de Luiz Alves.

Termo 303: Provisão do Conselho de fábrica da capela de Treze de Maio.

Termo 304: Provisão do Conselho de fábrica da capela de Guarany.

Termo 305: Provisão do Conselho de fábrica da capela de Braço do Norte.

Termo 306: Provisão do Conselho de fábrica da capela de Sete de Janeiro.

Termo 307: Provisão bienal de celebração de missa para a capela de São Vicente em Luiz Alves, todas estas em 22.03.1907.

Termo 308: Mandamento do Sr. Bispo que trata do regulamento das fábricas, em 21.11.1906.

Termo 309: Mandamento do Sr. Bispo (texto) que trata das fábricas, em 21.11.1906.

Termo 310: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Arnol-do Schnaider e Lídia Keunecke, em 20.03.1908.

Termo 311: Licença do Sr. Bispo de Curitiba, Dom João para benzer a capela de Encano Alto e dois sinos, em 04.05.1908.

Termo 312: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Pedro Adelino Junior e Francisca Ma-fra, em 12.05.1908.

Termo 313: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Jo-sé de Azevedo e Carolina Francis-ca de Souza, em 12.05.1908.

Termo 314: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Er-mínio Moser e Anna Jancke, em .. 10.05.1908.

Termo 315: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Anna Büttgen e Guilherme Laube, em 21.05.1908.

Termo 316: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Antônio Francisco Cardozo e Rosa Joaquina Cardozo, em 07.08.1908.

Termo 317: Portaria que trata sobre prestação de contas das paróquias com a diocese, em 20.08.1908.

Termo 318: Portaria do Sr. Bispo, Dom Francisco Braga, bispo de Curitiba, sobre cláusulas matrimo-niais, em 24.08.1908.

Termo 319: Carta Pastoral de Dom João Becker, primeiro bispo da nova diocese de Florianópolis saudando a seus diocesanos, em 13.09.1908.

Termo 320: Recepção de Dom João Becker na Igreja Matriz de Blumenau, em 11.10.1908.

Termo 321: Carta Circular do Sr. Bispo sobre a renovação das provisões e faculdades, em 20.10.1908.

Termo 322: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Jo-sé Bauer e Theresa Wartha, em .. 06.07.1908.

Termo 323: Provisão de vigário encomendado de Blumenau em favor de Fr. Oswaldo Schlenger para o ano de 1909.

Termo 324: Provisões das capelas de Indaial, Encano Alto, Encano, Rio do Testo, Garcia, Luiz Alves, São José, Sagrada Família, N. S. da Saúde, Santo Antônio e da matriz de Blumenau para o ano de 1909.

Termo 325: Provisão anual do Conselho de fábrica para as capelas acima mencionadas e da matriz para o ano de 1909.

Termo 326: Provisão de faculdades A, em favor de Fr. Oswaldo Schlenger.

Termo 327: Provisão de faculdades B, em favor de Fr. Oswaldo Schlenger.

Termo 328: Provisão de bênção da capela de Braço do Norte de Treze de Maio, em 08.09.1909.

Termo 329: Provisão para erigir a Via Sacra na capela de Braço do Norte de Treze de Maio, em 12.07.1909. Termo desta bênção em 28.09.1909.

A partir do presente nº. «Blumenau em Cadernos», conta com mais uma contribuição financeira: Hoh Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

Características de uma progressiva colonização

Nº. 25 - Sábado, 16 de junho de 1883 - Ano 3

Artigo de 1ª. página

“Encontramos no calendário «Americano — Suíço» de 1883, editado por Feierabend e Ott, de Nova York, valorosos e práticos conselhos para os projetos de colonização. Visamos em especial as colonizações projetadas e já efetuadas no Paraguai, para onde já foram inúmeras famílias. Dos alemães no Paraguai e de regresso a Buenos Aires, ouvimos relato de enorme miséria e sofrimento que ali passaram e outros ainda estão passando.

Os colonizadores é que pecam, pois o que estão fazendo é contra os direitos do homem. No artigo ainda dizem mais; que o colono alemão deve ser estabelecido em regiões adequadas, do contrário sua força fraqueja. Também onde não existem as mínimas condições do plantio de trigo e outras frutas e verduras conhecidas por eles. Não são terras apropriadas para o colono alemão. A colonização deve ser estabelecida de tal forma que haja facilidades para a comercialização dos produtos. Igualmente também deve existir um apoio mútuo.

Mais condições importantes são as seguintes: Facilidade de comunicação, para que os produtos possam ser comercializados imediatamente e não caiam nas mãos dos intermediários. O colono precisa estar convicto, de que trabalho com sacrifício numa terra estranha para ele é para seu progres-

so e não para comerciantes amadores, grandes industriais ou outra potência qualquer.

Nos locais destinados à colonização, deve existir uma natureza que lhes ofereça, sem grande esforço e pouco capital, mesmo sem grande conhecimento, uma terra boa para o plantio e não regiões pantanosas. Deve existir a possibilidade para que o humilde também possa trabalhar e sobreviver. Deve haver um desenvolvimento tão progressivo para que os capitalistas vejam a oportunidade de empregar dinheiro e iniciem indústrias nesta região. É preciso colonizar com gente simples, habituada ao trabalho braçal e com pouco dinheiro e que possam extrair da terra o suficiente para sobreviver. Não é aconselhável misturar os «portadores de cultura» com a pobreza; não é possível igualá-las. Sacrifício ou dedicação não podem substituir insuficiência. Trabalhadores constantes são poucos e difícil de encontrar. Bom trabalho manual é difícil de encontrar, mas nestas ocasiões são valiosos. Estes às vezes se tornam revoltados chegando até a por todo o empreendimento em risco. Com estas pessoas ninguém, no mundo pode iniciar uma colonização. Há exceções à regra, mas são muito raras. Oficiais dispensados, funcionários, estudantes não aprovados em exames são para esta vida totalmente sem valor. São ao contrário um peso morto. Da mesma forma, pessoas sonhadoras como

poetas e escritores deve-se rejeitar.

Quando alguém encontra uma região que corresponde aos requisitos acima citados, não deve logo pensar ter encontrado o paraíso ou descoberto o novo Eldorado. Mas esta pessoa pode, com tranquilidade, afirmar, que toda pessoa esforçada pode construir seu próprio paraíso, pois só assim encontrará. Os senhores colonizadores que exigirem como principal as condições da natureza e climática para instalar uma colonização, boa terra para o cultivo são os requisitos principais.

Que para uma colonização alemã só serve terra onde cresça o trigo não aceitamos. O milho também fornece uma excelente farinha para o fabrico de pão. Quando encontrarmos jovens aqui nascidos verificaremos sua boa constituição física já herdada de seus pais.

Nestas colônias não se deve esquecer também o pão espiritual e intelectual para os imigrantes estudados. A conservação do espírito alemão e seu contato com a terra mãe não se pode eliminar. Uma vida trabalhosa precisa sair da monotonia, ou em pouco tempo restará pouco do que trouxeram.

A Colonização no Brasil e o interesse da mesma na Alemanha

«Blumenauer Zeitung»

Nº. 53 - Sábado, 29 de dezembro de 1883 - Ano 3

As relações próximas na qual abordamos a imigração neste país bem como o esforço de coloniza-

ção existente na Alemanha, nos obriga a deixar de lado todas as interrogações que nos afetam, sem no entanto abordarmos a questão generalizada. Nós estamos muito afastados em relação à agitação objetiva e direcionada da imigração, na Alemanha, para posicionar-mo-nos. Este assunto não deve ser tratado como simples literatura de folhetim, que caminha por estradas já pisadas da teoria e focaliza a procura de terra, sob cobertura de boa ação moral sem ter qualquer conhecimento sobre as necessidades de uma boa e próspera colonização. Cem quilômetros de via férrea através de terras de cultivo, fazem mais bem a uma imigração e colonização do que 1000 sociedades que se interessem pela necessidade dos imigrantes e os sucessos e enérgicos consórcios ficam para trás.

Nós ainda admiramos a exclamação do Juiz de Direito das terras Diltthey, quando este, em viagem para fins colonizadores, passou por nossa colônia, dizendo — Aqui nada tem nem nada acontece. Estas pessoas que estão cegas às verdades reais de condições, estão realmente próprias para com seu comentário abrandar e negatizar o entusiasmo de imigração existente na Alemanha. As pessoas na Alemanha nos julgam nas Colônias como seus iguais, sem que saibam e compreendam que através de 20 ou mais anos de trabalho pela sobrevivência, velhos imigrantes adquirem uma autoconfiança, que podemos igualar com os que na Alemanha são respeitados.

A promessa de assistência aos imigrantes por parte de sociedades alemãs é o bem mais perigoso que se possa dar ao imigrante. Mesmo

porque existem nos meios colonizadores as idéias extravagantes sobre a Agricultura na América do Sul. Apesar das melhores condições dos elementos da imigração alemã para a colonização aqui, existem muitos que, influenciados por um complexo de terra maior que se assemelhe ao grande possuidor de terras na Alemanha, procura terras na proximidade do próximo botequim e desta forma com uma visão errônea, pensando que quanto maior o terreno menos trabalho. Isto aqui porém não acontece porque todo ganho está ligado ao trabalho e à colheita. O trabalho entregue a um peão só aumenta a despesa; ao contrário na Alemanha, onde a cultura florestal ordenada todo ano traz um bom ganho, aqui podemos considerá-lo capital morto.

Lembre-mo-nos daquele funcionário subalterno que com sua bengala riscava valetas das roças de água para a beirada da estrada, dizendo que isto era uma atividade econômica. Para uma guerra é considerado necessário dinheiro, dinheiro e mais dinheiro. Assim, devemos dizer também ao imigrante: trabalho, trabalho e mais trabalho. Para esta comparação drástica o imigrante é considerado compensado com o sentimento de encontrar-se em sua própria terra e depois do trabalho feito lhe sobram bastante horas que pode passar como bem entende. O imigrante que precisa trabalhar na limpeza do terreno e enfrentar a floresta próxima, em pouco tempo passará este trabalho aos animais de tração. A técnica no descobrimento de novas ferramentas lhe trarão alívio no trabalho, aumentando assim a possibilidade produtiva. O problema de u-

ma colonização crescente liberta o caráter do colono.

Após nossa última observação parece que somos contra todas as sociedades que estimulem a imigração, mas não este é o caso. Tudo nesta área que é feito para estimular as já existentes colonizações deixando vislhar grandes esperanças de que nesta terra elas sejam mais reconhecidas e valorizadas do que na época das fiscais e das políticas ávidas de votos. Que a sociedade central dos imigrantes do Rio de Janeiro e recém-fundada está suspeita de seguir uma linha política, determinada é quase certo, pois trabalha com o inspetor da colonização que em Lages bem como aqui, tem péssima fama. Este dito Senhor Carvalho tem como divisa, de que aqui as condições para imigrantes são péssimas querendo desta forma prejudicar a Sociedade. A questão imigratória, chegando ao ponto de inveja política, encontra o senhor Carvalho que apenas serve de meios para poder afetar seriamente a Sociedade, porque o seu palavreado é oco e sem sustentações. Por exemplo: ele recebeu milhares de pedidos. Tem ele possibilidade de receber os imigrantes convenientemente, e destiná-los às suas terras?

O Senhor Carvalho não se interessa em absoluto pela imigração estadual, senão ele encontraria uma resposta na imigração irlandesa e russa e que decretos estaduais não são dignos de confiança para uma imigração fértil e progressista.

O programa da recém-criada Sociedade de Imigração está à nossa frente e contém quase tudo que pode atrair um imigrante. A região, assistência do Governo e assistên-

cia Jurídica e ampliação do Município, etc, não consta no programa. Será que ainda vai abordar es-

te assunto ou pretende desviar-se destas interrogações de direito?

Edith Sophia Eimer.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do *Kolonie-Zeitung*» (Jornal da Colônia, publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1962.

Notícia de 8 de fevereiro de 1868:

Colônia Dona Francisca. — TRÁFEGO COM O PLANALTO. O movimento na Estrada da Serra, durante o mês de janeiro próximo passado, apresentou os seguintes números: 177 viajantes, 38 cavalos, 147 mulas e 113 reses, entre os quais 69 pessoas, 17 cavalos, 68 mulas e 113 reses desceram do Planalto para Dona Francisca e 108 pessoas, 21 cavalos e 79 mulas subiram da Colônia para o Planalto. Tendo-se em conta o fato de ser o mês de janeiro época imprópria para viagens, devido ao grande calor e às trovoadas quase diárias, o movimento registrado pela Estação, no Alto da Serra, pode ser considerado bastante satisfatório.

Notícia do mesmo dia:

Dona Francisca. — CORREIO. A agência local do correio, que entrou em funcionamento a 1º de abril do ano passado, apresentou o seguinte movimento, a partir da data de sua inauguração até 31 de dezembro de 1867: Entraram 71 malas, contendo 2.036 peças postais, representando 3.407 franqueamentos simples. Saíram 127 malas, com 3.157 peças, representando 14.432 franqueamentos, abrangendo:

Correspondência no País	Ent.	Saída
Correspondência oficial	68	83
Cartas franqueadas	864	1.187
Cartas se selo	4	11
Cartas registradas	10	19
Cartas com valor	4	4
Amstras sem valor	4	9
Impressos (livros)	95	102
Impressos (jornais)	206	1.200
Corresp. para o Exterior:	Ent.	Saída
Cartas isentas de selo	516	—
Cartas franqueadas	67	117
Cartas sem selo	4	11
Impressos (jornais)	165	74

Observação: As cartas isentas de selo são remetidas pela Direção da Colônia, em volumes, endereçadas ao Consulado Geral Imperial Bra-

sileiro, em Hamburgo. Os referidos volumes representavam o peso total de 2.678 cartas simples.

Os impressos vieram todos selados, porém 161 sujeitos a uma sobre-taxa.

Notícia de 9 de maio de 1868:

Colônia Dona Francisca. — Duas Leis, que se relacionam profundamente com a nossa Colônia, foram promulgadas durante o mês de março. Uma, provincial, elevando definitivamente a Colônia a MUNICÍPIO. Outra, imperial, transformando a MESA DE RENDAS do porto de São Francisco em ALFÂNDEGA.

A Lei Provincial (assinada pelo Presidente Adolfo de Barros Calvalcanti de Albuquerque Lacerda) tem o número 588 e foi publicada a 16 de março do corrente ano.

A Lei Imperial (assinada pelo Presidente do Ministério e Ministro da Fazenda, Zacarias Goes e Vasconcellos em relação à alfândega de São Francisco, tem o número 4.130, de 28 de março do corrente ano.

Planejamento faz avaliação de atividades com vistas ao Seminário da Administração

A Secretara de Planejamento da Prefeitura de Blumenau — em reunião da qual participaram o Secretário, diretores de Departamentos e chefes de Divisão e de Serviço, fez um balanço das atividades desempenhadas durante o ano de 1989.

Na área de Planejamento Urbano, dois projetos mereceram destaque: a elaboração do novo Plano Diretor da cidade — cujo trabalho iniciou no mês de janeiro, prolongando-se por vários meses com discussão e aprovação pelo Conselho Municipal de Desenvolvimento e Câmara de Vereadores; e, o processo de regularização das obras em desacordo com o Plano Diretor. Essa regularização incluiu as negociações com os incorporadores que culminaram as negociações com aprovação pela Câmara da chamada Lei das Obras Irregulares.

No Serviço de Engenharia de Tráfego, ocorreram as diversas alterações do sistema viário da cidade durante o ano de 89, entre as quais, as do centro, toupava Norte, Itoupava Seca e Ponta Aguda. Ainda nessa área da Engenharia de Tráfego, foi feita a configuração geométrica dos trevos da Parada 1 e do Sesi. Outra realização considerada importante, foi a implantação do novo Cadastro Imobiliário, que resultou da comparação, fusão e atualização das informações contidas nos boletins dos dois cadastros até então existentes: o da própria Secretaria de Planejamento — chamado de Cadastro Técnico, e o Cadastro Financeiro. Como resultado desse trabalho, o número de contribuintes do I.P.T.U. aumen-

tou em mais de 6.000 e o número dos que, por erro, pagavam apenas o Imposto Territorial e pagaram agora também o Predial, aumentou em .. 18.600.

Na área de Modernização Administrativa, foi feito o projeto de reforma da estrutura administrativa da Prefeitura, com a reorganização das Secretarias e demais órgãos municipais, tendo sido essa reforma consolidada em lei aprovada pela Câmara.

O Setor de Informática por sua vez, implantou a conversão de 13 sistemas de processamento de dados, entre os quais, o Sistema Integrado de Arrecadação, o rol de ruas e infra-estrutura, planejamento e atendimento de cheias, controle de poluição industrial e o controle de reclamações através do «Disque 156».

O Setor de Orçamento elaborou a proposta orçamentária de 1990, aprovada no final do ano pela Câmara de Vereadores. Esse novo orçamento, recentemente atualizado monetariamente para o montante de NCz\$ 1.000.000.000,00 em vigor desde 1º. de janeiro, inclui algumas inovações inéditas em municípios de Santa Catarina, entre essas, o mecanismo de atualização monetária simultaneamente pelos índices inflacionários e pela evolução da receita, de maneira que o orçamento possa ser executado com o máximo de precisão. Este Setor implantou ainda, o sistema até então inexistente em Blumenau, de acompanhamento da execução orçamentária, através do computador.

Durante o seminário, foram ainda lembrados pelos membros da equipe da Secretaria de Planejamento, outras atividades desenvolvidas, entre essas, o apoio dado à Campanha «Cidade Jardim», coordenada pela Secretaria de Comunicação Social e durante a qual, a equipe da Seplan visitou mais de dois mil proprietários de imóveis na cidade, percorrendo cerca de 120 quilômetros, e tendo obtida de imediato, a adesão de cerca de 57 por cento das pessoas contactadas.

Já o Serviço de Fiscalização realizou entre suas diversas atividades, mais de 500 vistorias em edificações, cerca de mil notificações por infrações ao Código de Posturas ou ao Plano Diretor, embargou cerca de 500 obras irregulares, e fez 1.500 atendimentos de reclamações, dos quais 90 por cento foram resolvidos.

A Secretaria de Planejamento foi ainda responsável pela elaboração de diversos projetos arquitetônicos — entre os quais os dos futuros terminais rodoviários urbanos, o da reforma e ampliação do Hospital Santo Antônio e da Central de Ambulância do mesmo Hospital, além de diversos centros sociais. Dentro desse mesmo setor de atividade, foram também realizados os projetos para comunicação visual e mobiliário urbano, como placas de ruas, floreiras, abrigos de ônibus e a padronização dos passeios da cidade.

E, finalmente, a Seplan emitiu 1.530 licenças de construção, num total de 311 mil metros quadrados de área construída, sendo 74 por cento de área residencial e o restante, das áreas comercial e industrial.

"O AMIGO ESCRITO"

(Biografia de Godofredo Rangel, do Escritor
catarinense Enéas Athanázio)

(Por Hermes Justino Patrianova)

Entre os bons presentes que temos recebido, destacamos o livro do Dr. Enéas Athanázio — «O AMIGO ESCRITO», Biografia do Escritor Godofredo Rangel, que lemos com a atenção merecida por um bom livro!

Bacharelado pela UFSC (1959), Advogado, Vereador, Professor em Colégios, Promotor Público, aposentado como Promotor de Justiça, Professor na Área Jurídica, além de muitas outras atividades enobrecedoras da personalidade, Enéas Athanázio continua advogando, tem 17 livros publicados, além de ter participado em muitas Coletâneas e de escrever, constantemente, para vários Jornais do País.

Sem ter conhecido, pessoalmente, o Escritor Godofredo Rangel, seu tri-colega — Bacharel em Direito, Promotor Público e Escritor, ENÉAS ATHANÁZIO, como poucas pessoas que ainda existem neste Mundo egoísta dos nossos dias, tomou a si, espontaneamente, a grande tarefa de biografar o seu "Monstro sagrado" — Godofredo Rangel, que foi contemporâneo de Monteiro Lobato, outro brasileiro de grande valor.

Mas não pára aí a generosidade que, como José Alberto Barbosa (Jaraguá-do-Sul), Raulino Reitz (Itapema), Doralécio Soares (Fpolis), Celestino Sachet (Fpolis), José Carlos Moreira (RJ) e outros poucos amigos, pratica, com espontaneidade, o Doutor Enéas Athanázio.

Assim como Godofredo Rangel, que mereceu a honra póstuma da pena do benemérito Escritor catarinense, tivemos a felicidade de merecer, ainda em vida, após quase 80 anos de idade, o benefício dessa pena por demais importante e enobrecedora. Enéas Athanázio, esse escritor emérito, honesto e amigo não é daqueles que colocam os interesses pessoais acima de tudo! Ele escreveu, descrevendo com sinceridade, na Revista "Blumenau em Cadernos", de julho de 1989, duas primorosas páginas, para dizer da existência e da sinceridade do nosso "PEQUENO LIVRO", que desvenda mistérios da origem do termo ITAJAÍ, as quais nos mereceram carinho, amor e gratidão em demasia.

Os 17 livros publicados pelo Doutor Enéas Athanázio merecem ser lidos com grande atenção!

Homens que se preocupam com os semelhantes da sua espécie, com tanto desprendimento, fazendo da pena um elo de amizade, são homens que merecem escritos com H maiúsculos, com letras maiúsculas!

A maior prova desta afirmação é, inclusive, a existência do seu fabuloso livro "O AMIGO ESCRITO", a única Biografia existente do Escritor GODOFREDO RANGEL, escrita pelo nosso estimado amigo, o Escritor catarinense ENÉAS ATHANÁZIO!

Die "Neue Deutsche Schule" "A Nova Escola Alemã"

(Histórico extraído do «Der Urwaldsbote Kalender für Die Deutschen in Sud, Brasilien 1900, pgs. 72 a 77) e artigo do «Blumenauer Zeitung».

«Em fevereiro de 1889 foram dados os primeiros passos para a fundação de um melhor estabelecimento de ensino na cidade de Blumenau. Existia até então uma escola melhor, sob a direção de religiosos católicos José Maria Jacobs, mas justamente para aqueles que não pertenciam à sua igreja, apresentavam-se inúmeros impecilhos, que por fim levaram para a fundação de uma outra escola independente daquela. No dia 1º de maio de 1889 tomou vida esta escola, com os professores Ruseler e Wetzell, sob a denominação «Neue Deutsche Schule».

Em 25 de novembro do mesmo ano, o Pastor H. Fauhaber designado pelo conselho superior eclesiástico de Berlim, como pastor da igreja evangélica da cidade, chegou a Blumenau e a 1º de dezembro do mesmo ano, depois de ter assumido o cargo de pastor, a 19 de janeiro de 1890, através do parecer de uma assembléia geral da comunidade escolar foi escolhido como inspetor da escola. Desde então a escola assumiu um constante e satisfatório progresso.

Nos anos 1891 e 1892 a insti-

tução teve que enfrentar pesadas tempestades, tanto internas como pressões externas que quase impediram a continuidade da mesma. Mas justamente estas tempestades contribuíram em muito para esclarecer as condições da mesma, dando espaço a brilhantes raios solares que dissiparam as densas néveas.

A decisão férrea e objetiva da diretoria, que justamente com o inspetor escolar soube enfrentar todos os obstáculos, fez com que a instituição não fosse prejudicada, desenvolvendo-se e mostrando com o tempo as frutas mais belas ali cultivadas. Com tudo isto, surgiu um belo e digno estabelecimento escolar, que foi possível construir no local do antigo, onde só funcionavam quatro classes de ensino. As salas eram pequenas e pouca adequadas. Nos meses de verão-dezembro-março — o calor se tornava quase insuportável.

No dia 27 de junho de 1892, numa cerimônia festiva, com participação de numeroso público, foi lançada a pedra fundamental da nova escola no terreno doado pelo fundador da Colônia Dr. H. Blumenau. Apesar das inquietações reinantes, a construção avançou rapidamente até fins de agosto devido as condições políticas no município, a escola foi ocupada silenciosamente e as aulas começaram em 28 de agosto. Com muita presteza e boa vontade, foram coletadas as somas necessárias. A casa custou 12 con-

tos de réis, o que vem a ser 12000 marcos do custo da época. Mas em coletas já realizadas em anos anteriores, havia uma soma considerável em caixa. A casa continha três amplas salas e uma moradia para o professor, que hoje é usada como sala de aula. As salas permitiam sem dificuldades o funcionamento de seis classes. No dia 1º de abril de 1899 a instituição contava com 124 alunos. Os mesmos recebiam aulas em quatro classes separadas por quatro professores.

No seu desenvolvimento interno a escola sofreu muito em seus primeiros sete anos de funcionamento, devido a constante mudança de professores, mas há dois anos o corpo docente está composto de tal forma que um constante progresso da escola está garantido. A mensalidade das classes correspondem a 2, 3, 4, 5 mil réis por aluno. Mas esta arrecadação não é suficiente para manter as despesas do estabelecimento. Há dois anos agora a escola recebe de sua majestade o Imperador da Alemanha, uma subvenção anual de 1000 marcos. É necessário que esta soma seja utilizada na ampliação da escola. Todas as pessoas de destaque que visitaram Blumenau e também esta escola, teceram os maiores elogios à mesma.

Do governo do Estado de Santa Catarina a escola recebe igualmente uma subvenção de 4\$800 mil réis anualmente. Por isto a escola tem a obrigação de ensinar o idioma português e dar uma certa porcentagem de alunos, até 33% de aulas gratuitas. A primeira exigência se cumpriria, mesmo que não recebesse subvenção: a segunda já constava nas exigências dos esta-

tutos da escola, mesmo que a porcentagem não fosse tão elevada.

Certamente alguns moradores de Blumenau têm a possibilidade de enviar seus filhos à Alemanha, para estudar e receber o preparo para uma profissão adequada. Mas um afastamento dos jovens, por um período maior, traz, como consequência, o afastamento das condições daqui, e muitas vezes não têm a possibilidade de praticar o idioma português.

Por isto a «Neu Deutsche Schule» está empenhada em preencher a educação possibilitada na Alemanha. Recebem aqui os alunos o ensino elementar em todas as matérias. O idioma usado durante o ensino é puramente Alemão, e nas classes mais avançadas o idioma português é mais reforçado com exercícios de leitura e escrita, como acontece na Alemanha nos ginásios e escolas reais com o francês, inglês e latim. O objetivo do atual diretor é alcançar uma escola com completo sistema escolar de seis anos e certamente este objetivo será alcançado. Um cuidado todo especial a escola dedica ao desenvolvimento histórico do Brasil. Mesmo que esta matéria encontre certa dificuldade por falta de professores esclarecidos na mesma, procura-se então analisar mediante a história da Alemanha relações existentes com a história do Brasil. O ensino de francês e inglês, bem como de idiomas antigos, ainda hoje é facultativo. Mas com o seu quadro docente apresenta-se oportunidade de satisfazer igualmente este objetivo. Todas as outras matérias como história, geografia, matemática, aritmética, física, ciências naturais, desenho e canto são administradas. O objeti-

vo da diretoria do estabelecimento visa o preparo do aluno de tal forma, que ao sair do mesmo esteja apto a ingressar numa faculdade brasileira e seja seu boletim final reconhecido pelo Estado.

Em janeiro de 1899 foi autorizada uma quarta sala de aula, com início do ano letivo, a 21 de março. Mesmo sabendo que enfrentaremos certas dificuldades, nosso objetivo é alcançar a meta proposta, de forma que nesta classe deixam de ser facultativas as matérias além do português, o alemão, latim, inglês e francês. Desta forma os alunos receberão um conhecimento adequado para ingressar em qualquer faculdade do país

Neste meio tempo, a diretoria em princípios de abril de 1899, já avançou mais um grande passo: planejou uma instalação de sete anos escolares, que se dividem em duas fases.

Se estes desejos se concretizarem, então a escola poderá dignamente representar a colônia nos festejos de seus 50 anos de fundação.

Vivat, Cresceas floreat, Escola Nova
Blumenauensis!

Artigo intitulado «Der Wert der Lehrer»

«O valor dos professores».

Fonte: Blumenauer Zeitung.
Nº. 36 - Sábado, 4 setembro
de 1987 - Ano 16).

«Para tratar deste tema não se dispõe um diretor ou candidato a este cargo numa das escolas do interior,

À minha pergunta, qual era o ordenado de um professor — recebi a resposta com modesta resignação, de que o mesmo era de . . 20\$000 réis por mês e além disto recebia ajuda em espécie de verduras e outros artigos dos colonos. Isto portanto representa o valor de um professor para os colonos. Pude também contatar que esta não era a última valorização na escola de um professor da colônia, mas que também existe valorização bem mais abaixo deste ordenado, e ele ainda podia ficar satisfeito com a comunidade, que procurava desta forma auxiliar no bem estar do seu professor. Foi então que eu me lembrei de um artigo que foi publicado no «Deutsche Volkszeitung» do Rio Grande do Sul, onde recomendavam às comunidades pagarem melhor seus professores porque, com 80-90 mil réis por mês nenhuma pessoa decente podia viver. Portanto, podemos deduzir que o ordenado dos professores lá também está no mesmo nível baixo que aqui. Como é que um professor pode viver com 20\$000 réis?

A população, sem melhor cultura, faz a imagem muito deturpada sobre o valor de um professor. E como não existe a menor compreensão, são da opinião que 20\$000 réis é mais a contribuição de algum gênero de alimento é suficiente para um professor.

Certamente existe em um outro Distrito um indivíduo que, em sua vida frustrada, se dispõe a qualquer trabalho e acha que pode preencher o de um professor. O que isto traz em consequência mostram as nossas condições escolares, as gerações anteriores e as vindouras.

A velha receita é apenas uma

mistura de crença e descrença, principalmente a última, que cresce em abundância. O conhecimento real existe na confirmação das crianças, em seu péssimo conhecimento básico, de forma que as aulas no maior dos casos podem ser consideradas quase nulas.

Sob estas condições não é de admirar que a classe de professor não é muito considerada. Onde se pode ainda dizer que ainda existem condições suportáveis, também só é uma questão de tempo. Estão surgindo mais e mais as novas gerações que são absorvidas por todas possíveis sociedades e diversões, para as quais têm dinheiro de sobra, de forma que, um sacrifício em favor de melhores escolas ninguém quer fazer. A educação das crianças, o maior bem dos pais, é confiada a pessoas cuja amizade eles têm vergonha de manter. O que será então das crianças? Vão somente para escola para aprender partículas das matérias elementares?

Não vêem os pais como facilmente aceitam, o lado mau dos educadores. O caráter moral do professor cai muito mais na balança do que sua apresentação efetiva de saber, uma força que às vezes leva a um julgamento errôneo por pais menos esclarecidos. Mas um professor que corresponda a to-

das as linhas, não é fácil contratar atualmente com um ordenado de 80-90 mil réis e muito menos por 20\$000 réis. Um profissional que conhece bem sua profissão, não pode passar com menos de 150\$000 réis. Um professor pertence a classe das pessoas cultas e exige conforme sua posição intelectual, ser bem alimentado. Onde ele vai conseguir isto se seu ordenado mal chega para seu sustento?

Muitas vezes se ouve dizer: — Mas de tarde ele pode trabalhar em outra coisa! Com quê? Bem, pode trabalhar como colono. Porque aulas particulares seria inútil com a pouca exigência espiritual do colono. Mas se o professor deve ser meio colono, então é mais sábio pendurar seu casaco de professor no prego. Servir os dois senhores nunca faz bem.

Não existe nenhum outro meio de assegurar o futuro de nossos descendentes a não ser dar-lhes além de razoáveis bens materiais, criar-lhes um fundo de conhecimento e base moral, que hoje são mais necessários do que qualquer outra coisa. Mas isto só pode se alcançar com a admissão de um professor escolhido e isto não se consegue sem um certo sacrifício material.

Tradução: Edith Sophia Eimer)

Blumenau e Golás

Desde que cheguei em Blumenau, no início de 1978, acompanhei todas as enchentes de que ela tem sido vítima, inclusive as duas grandes, de 1983 e 1984. Vi bem de perto os danos catastróficos que provocaram, com seu rol de destruição do patrimônio urbanístico, arquitetônico e cultural da cidade, sem falar nos prejuízos e sofrimentos infligidos à população. Embora minha morada, felizmente, nunca fosse atingida e minha família saísse ilesa de todas, testemunhei as desgraças de amigos, conhecidos e pessoas anônimas, com as quais também sofri em silêncio.

Em julho de 1983, eu e minha mulher tínhamos viajado alguns dias antes, deixando os filhos em casa para que também viajassem após o término das aulas. Mas eles foram surpreendidos pelas águas e ficaram presos por oito dias dentro de um apartamento sem luz, sem água, sem comunicação e quase sem alimento. Do Nordeste, onde nos encontrávamos, minha esposa e eu acompanhávamos pela televisão tudo que ocorria e, na maior angústia, procurávamos um meio de voltar. Quando conseguimos, afinal, ficamos retidos em Curitiba, sem poder atingir a cidade sitiada pelas águas lamacentas. A chegada a Blumenau, dias depois, foi um choque: as ruas pareciam o palco de uma guerra há pouco terminada, os escombros e o lixo estavam em toda parte e a desolação era geral. Seu povo, no entanto, não se deixou abater, lançou-se com ardor na recuperação da cidade e em breve ela rebrilhava, limpa, pintada e florida como antes.

Essas lembranças nada agradáveis me ocorrem quando vejo na imprensa as notícias da grande enchente ocorrida na cidade de Goiás Velho, a antiga Vila Boa, terra de Cora Coralina, onde pisei uma única vez mas bastou para que jamais a esquecesse. Essa cidade concentra um dos mais belos conjuntos da arquitetura colonial brasileira, com suas igrejas, sobrados, jardins, praças, fontes, monumentos, vielas e ruas seculares, além do imenso e variado acervo de seus museus e arquivos, artesanato, da geografia caprichosa e dos fatos históricos que assistiu como pouso e caminho das bandeiras. Cidade de arraigadas tradições culturais, lá nasceu a grande Cora Coralina e residiu o não menor Hugo de Carvalho Ramos, não esquecendo outras figuras de expressão maior nas artes e nas letras.

É por isso que contemplo, compungido, as imagens das águas do Rio Vermelho, normalmente serenas, invadindo tudo com rara força destruidora, pondo em perigo as riquezas que a cidade guarda com tanto empenho. Espero, porém, que os danos não sejam irreparáveis e que os simpáticos vilaboenses (como gostam de ser chamados), assim como nós,

blumenauenses, não se curvem ao peso do sofrimento e se ponham na luta pela recuperação de sua belíssima cidade. Nós, embora à distância, estamos solidários e sabemos como ninguém avaliar o momento que vivem, desejando que isso nunca mais aconteça. Nem lá e nem aqui.

Novos lançamentos

Inúmeros foram os lançamentos do período e nos mais variados gêneros. Na impossibilidade de comentar todos, limito-me a relacioná-los para conhecimento dos leitores, voltando a tratar de alguns em outra oportunidade. Foram eles: «vivências e Recordações», memórias de Jayme Mason, publicado pela Editora da UFSC. Coleção Escritores Catarinenses», fascículo I, série Hoje, lançada pelas Secretarias de Estado da Cultura e da Educação; «Contos da Selva», infanto-juvenil do uruguaio Horácio Quiroga, em tradução de Tânia Piacentini, publicação bilingüe ilustrada da Editora da UFSC; «Revelação», poemas de Almir Martins, também advogado e jornalista; «Rousseau, a educação na infância», de Ana Beatriz Cerizara, publicação da Editora Scipione, de São Paulo; ensaios sobre educação, incluídos nas coletâneas «Educação — Algumas Reflexões» e «20 Anos de Educação», editadas pela Universidade Federal da Bahia, onde a autora, — Lucila Vieira Rupp, é professora e diretora da Faculdade de Educação. Lucila é catarinense de Campos Novos, radicada em Salvador.

Edições Lunardelli

Sempre ativa, acaba a Editora Lunardelli de lançar os seguintes títulos: «Sempre Mulher», de Jandira D'Ávila; «Tiroteio Depois do Filme», de Flávio José Cardozo; «A Colonização de Santa Catarina», de Walter F. Piazza. «O Rei da Floresta», de Glauco Rodrigues Corrêa; «Geografia Física de Santa Catarina», de Prates, Manzolli e Mira; «O Guarda-Roupa Alemão», reedição do conhecido romance de Lausimar Laus, Registro ainda a coletânea «Presença da Literatura Catarinense», organizada por Celestino Sachet e Iaponan Soares, onde aparece meu conto «Um Alarifo!»

Eventos Culturais

Realizou-se em Florianópolis, entre 4 e 8 de dezembro, a Semana de Literatura Catarinense, numa promoção da Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina (AESC). Foram realizadas palestras, deba-

tes, painéis, lançamentos de livros e inúmeros outros eventos paralelos, contando com a participação de grande número de autores catarinenses e alguns convidados.

Realizou-se em Blumenau a 5ª. edição do Projeto Letra Viva, com o lançamento dos livros «Villa Buenos Ayres», de Didio Pereira, e «Odisséia no Contestado», de Evaldo Trierweiler, numa promoção da Fundação «Casa Dr. Blumenau» e outras entidades, públicas e privadas.

A Livraria Catarinense inaugurou em Florianópolis mais uma loja, à Rua Conselheiro Mafra, onde já possuía duas outras. Com essa, ela mantém agora seis lojas na Capital, incluindo-se uma na estação rodoviária e uma no aeroporto. A solenidade contou com a presença do escritor Fernando Sabino.

Realizou-se no Centro Integrado de Cultura, em Florianópolis, o II Encontro Coral Catarinense, promovido pela Fundação Catarinense de Cultura e outras entidades.

Obteve sucesso a XI Exposição de Pintura em Porcelana de Pomerode, contando com muitas expositoras e com a orientação de professoras locais.

Outras publicações

Está circulando mais um número da revista «Pantanal», editada pela ELASE, contendo contos, crônicas, artigos, poemas, críticas e uma homenagem a Carlos Drummond de Andrade.

Circula também mais um número do Boletim do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), contendo a posição da entidade sobre a questão da mudança da Capital (tema sobre o qual voltaremos em outra ocasião), notícias a respeito de suas atividades, comentários de livros e outros assuntos.

Conto premiado

Ainda em dezembro, recebi a agradável notícia de que meu conto «A Estradinha» foi um dos premiados no Concurso Nacional de Literatura Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, promovido pelo Grupo Aché de Laboratórios e Academia Brasileira de Literatura Infanto-Juvenil. Compuseram a comissão julgadora os escritores Paulo Dantas, Hernâni Donato e Henrique L. Alves (relator). Além da premiação em dinheiro, o conto será publicado numa antologia com 25.000 exemplares e distribuição nacional.

O futuro da nossa exportação de madeira e a preocupação com o reflorestamento

FONTE: «O MERCADO DE MADEIRAS». Periódico da «Liga das Serras de Blumenau» — Para a defesa dos interesses da indústria madeireira do Estado de Santa Catarina.
Ano 1. Blumenau, em setembro de 1930. Nº. 3.

«Uma vez terminadas as obras do porto de Itajaí, a exportação de madeiras de Blumenau entrará em nova fase. Até hoje os grandes transatlânticos não puderam fazer escala em Itajaí devido a barra de areias em contínuo movimento. É esse o obstáculo que se tem oposto tenazmente à entrada dos transatlânticos, mas que será removido pelas obras de porto em execução. É assim que, ainda hoje, somente entram navios de cabotagem, de pequeno calado, o que faz com que os nossos produtos de exportação e destinados a países de ultramar, devem ser levados primeiro a outro porto da costa do nosso Estado, que dê franco acesso aos grandes transatlânticos. Daí o serviço de baldeação — sumamente dispendioso em consequência das despesas duplas com o carregamento e descarregamento, com taxa de cais, direitos de exportação e outros. Fará o frete já elevadíssimo sempre mais acrescido. Foi esse o motivo pelo que se tornou até a presente data impraticável uma exportação satisfatória e regular dos nossos produtos. Tudo quanto se tem feito nesse sentido não passou de meras tentativas sem resultado aplicável e que, por isso, não foram continuados. Para modificar tal es-

tado de coisas foram iniciadas as obras do porto de Itajaí. Convém pensarmos agora em determinar, para resoluções posteriores, os países que futuramente estarão em comunicação direta com o nosso porto de mar, servido então de transatlântico. Convém também pensarmos em constatar no nosso interesse, qual dos muitos produtos de nossa exportação será o principal.

Temos, em primeiro lugar, as companhias de navegação nacionais, como o Lloyd Brasileiro, a Companhia de Navegação Costeira e a Companhia de Navegação Carlos Hoepcke, cujos vapores naturalmente, continuarão a frequentar o porto de Itajaí. Dessas três linhas, no entanto, a única que tem navegação direta para o Rio, Montevideu e Buenos Aires, é o Lloyd Brasileiro, cujos navios, terminadas as obras de porto, fariam escala em Itajaí, ficando nós assim em comunicação direta, com os citados portos, o que deverá ser tomado na devida consideração pelos nossos exportadores. Das companhias de Navegação estrangeiras, somente poderemos contar com a Hamburg Sued e o Bremer Lloyd. É mais que provável que os seus vapores farão escala em Itajaí, visto que os nossos excursionistas para a Euro-

pa darão preferência a eles. E assim disporíamos de segunda comunicação direta do porto de Itajaí com Hamburgo, Bremen, Antuérpia e Lisboa. Os ditos navios, destinados geralmente ao serviço de passageiros, levarão pouca carga. Havendo, porém carregamentos de vulto disponíveis, bastará negociarmos com as agências de navegação a vinda de navios de carga. Quanto a exportação para a América do Norte, Inglaterra e Itália deveremos recorrer ao serviço de baldeação por falta de comunicação direta. O porto indicado para tal serviço seria o de Santos, onde sempre há vapores americanos, ingleses e italianos.

O nosso principal produto de exportação é a madeira. A exportação em escala é viável somente, dispondo nós de navios próprios. Quantidades menores que não perfazem o necessário para carregamento de um navio, serão levadas pelos cargueiros que entram no porto de Itajaí ou, havendo baldeação, quando destinadas a América do Norte, Inglaterra ou Itália, por pequenos veleiros que trabalham com menos despesas do que os vapores. Não nos devemos esquecer que as despesas de transporte serão sempre aos que decidem sobre se poderemos ou não concorrer com outros centros produtores de madeiras. É por isto, que imprescindível se torna aproveitarmos sempre os meios mais baratos de transporte.

Além das nossas madeiras de lei, como canela, peroba, cedro, jacarandá e imbuia, a nossa exportação respectiva abrange atualmente uma quantidade relativamente insignificante de pinho que vem quase exclusivamente de Trombu-

do, onde o pinheiro existe esporadicamente. Não tem, por enquanto, o pinho para a exportação, grande importância. Com a inauguração do novo trecho da nossa estrada de ferro até Bela Aliança, a qual se realizará, como consta, no próximo mês de outubro, a exportação de pinho aumentará, mas a exportação em escala grande como a que se faz pelo porto de São Francisco, só se dará quando a estrada de ferro tenha alcançado o planalto com os intermínios pinheirais.

A última parte da Estrada de Ferro, Santa Catarina, entre Rio do Sul e os campos do planalto, é a mais importante e a sua construção será para o desenvolvimento do nosso município de importância vital. E isso de tal forma que não hesito em declarar que com o prolongamento da estrada de ferro de Rio do Sul até as regiões florestais do planalto virá, mas só então, o desenvolvimento econômico verdadeiro de Blumenau, com a exploração racional dos vastos pinheirais do campo, cujas riquezas hoje ainda inaproveitadas, serão e deverão ser exportadas via Blumenau. Seria muito conveniente incluirmos tais considerações aos nossos cálculos comerciais e de ordem administrativa, não olhando somente o presente como também o futuro.

Não queremos dizer que será bom favorecermos especulações com terrenos e tudo que se ligue com eles. Mas desejamos que todos os blumenauenses de influência façam com que os grandes pinheirais e os seus produtos não escapem ao raio de influência blumenauense, a fim de que com a futura exploração dos matos do campo e a respectiva exportação, os valores em questão redundem em be-

nefício da nossa comuna. Sem isso não haveria desenvolvimento nem outra vantagem para Blumenau. Pois, qual o proveito que nos adviria do vasto e imenso «interland», se os ricos pinheirais caíssem nas mãos dos norte-americanos? Vejamos o caso de Três Barras, onde algumas centenas de operários ganham o seu jornal de costume, durante uns anos apenas, isso é, até que os pinheirais outrora existentes aí, não mais existirão. Ninguém mais tem vantagem dessa exploração insensata. Todos os valores vão para o estrangeiro, para a América do Norte, onde se acham estabelecidos os usufrutuários da Southern Brazil Lumber & Colonisation Co. Nem o transporte das tábuas para Buenos Aires ou América do Norte é feito pelas empresas nacionais. Vapores suecos ou norte-americanos conduzem a riqueza dos nossos matos, e a exploração é perfeita e sem lacunas. O terreno, despido da sua vegetação natural e explorado sem o devido replantio das árvores, jaz inerte, pobre, e sem valor, nem servindo para uma colonização que valorize as terras vastas e devastadas, desnudadas inclementemente, **estenderão aos olhos das gerações futuras os seus flancos secos e vermelhos como faróis da ganância norte-americana.** Sabemos aspirarem os norte-americanos, as riquezas naturais do nosso solo: querosene, minérios, quedas d'água para força elétrica — e também os magníficos e ricos pinheirais. Sabemos também que já estiveram entre nós em Blumenau, agentes de firmas norte-americanas colhendo informações sobre os matos de pinheiros. É por isso que mais uma vez lançamos o nosso apelo patrió-

tico, para salvarmos a riqueza natural do nosso Estado da ganância dos forasteiros, fazendo tudo para proteger os pinheirais contra um esbanjamento possível de valores que são nossos. Será uma das tarefas principais da Liga providenciar no sentido de reservar o aproveitamento racional dos pinheiros aos blumenauenses, evitando a entrega do tescuro florestal a mãos estrangeiras que somente destruirão, explorando. Ao nosso governo estadual dirigimos o pedido de legislar a respeito, criando uma Lei que determine o replantio de dois pinheiros ou árvores equivalentes em substituição a um pinheiro derubado. Semelhantes Leis seriam a medida capaz para afastar os norte-americanos, pois é sabido, aqui não querem produzir mas somente explorar, e isso sem olhar o futuro das plagas devastadas. Há ainda outros meios e recursos para aniquilarmos qualquer tentativa de caráter destruidor e contrária aos interesses nacionais. A Liga tem providenciado a respeito, dirigindo-se aos competentes poderes. Temos, pois, fundadas esperanças de ser reconhecido e combatido em tempo, o perigo iminente.

À propósito do replantio, acrescentamos que o pinheiro do mediterrâneo, indígena nas ilhas do mediterrâneo, na Ilha da Madeira e nos Açores, onde se desenvolve e medra em alturas de 1.000 metros, deveria crescer admiravelmente no nosso planalto, onde as condições climáticas são idênticas. Em Aquidaban, no terreno do Sr. José Peters, existe um dos ditos pinheiros do mediterrâneo. Há 20 anos foi plantado ali por um imigrante e deveria fornecer sementes suficientes, o que seria vantajoso para o

nosso intuito. Com poucos recursos poderia ser iniciado um campo de experiência no planalto para ser começado, já o serviço de estudos relativos ao reflorestamento.

Mais uma preocupação para Blumenau constitui o trecho da estrada de ferro de Blumenau a Itajaí. Pois, terminado o dito trecho, Blumenau deixará de ser estação final da estrada férrea. Essa vantagem passará para a cidade de Itajaí, cabendo a Blumenau a situação de uma estação intermediária. Assim será modificada também a nossa exportação de madeiras em relação a cidade de Blumenau. Pois, toda a madeira de exportação que hoje ainda está passando via Itoupava Seca, dando o sustento a várias empresas de transporte fluvial e aos seus empregados e operários, futuramente passará como mercadoria de trânsito. Talvez as nossas empresas de transporte fluvial se mostrem capazes de concorrer eficientemente com a estrada de ferro. Diz-se que o transporte fluvial é mais barato do que o efetuado pela estrada de ferro. Neste caso tal preocupação não tem razão de ser. E Blumenau continuará a manter o seu lugar de destaque do transporte de cargas. A estrada de ferro somente poderá fazer concorrência eficazmente quando as despesas de baldeação (Rs. 2\$500 a dúzia de 9 poll.) forem reduzidas consideravelmente. Do contrário os navios cargueiros subirão o Rio Itajaí até o porto fluvial de Gaspar ou Luiz Alves, enquanto as lanchas das empresas de transporte fluvial, carregadas de tábuas, atracam nos navios de carga para fazerem bal-

deação no Gaspar, onde não está sujeita ao regulamento ao qual está sujeito o serviço no Itajaí. Além dessa vantagem, acresce ainda que as empresas de navegação fluvial, levando as tábuas somente até Gaspar, trabalham muito mais barato, a vista da distância muito reduzida, pois essa será de 15 Km, apenas. O transporte das tábuas da estação de Itoupava Seca até Gaspar, inclusive todo o serviço no Itajaí, de descarregamento dos vagões e respectiva baldeação para o cargueiro, não custará mais do que o importe do frete da estrada de ferro de Blumenau a Itajaí, importe esse ao qual será acrescido, depois, o importe das demais despesas. Vemos, por conseguinte, que a exportação de tábuas motivará futuramente uma concorrência viva entre a estrada de ferro e a viação fluvial. Penso que sairá vitoriosa a navegação fluvial.

Esperemos que o prolongamento da estrada de ferro além do Rio do Sul, para o planalto, seja, realizado dentro de pouco tempo e Blumenau será uma das principais praças do Estado. Mas não nos esqueçamos da fonte da nossa riqueza, das extensas florestas de pinheiros no planalto, não nos esqueçamos de protegê-las por uma lei que regulamente e determine o reflorestamento. Do contrário, a magnificência do nosso desenvolvimento econômico será efêmera. Diz-se de Blumenau, que é o primeiro município modelo, do Brasil. E por isso, nossa obrigação moral manda procedermos modeladamente no que diz respeito ao serviço florestal em prol da grandeza da nossa pátria Brasil.

E. G.

DIA 2 — Como resultado de violentas chuvas que desabaram sobre a cidade e bairros a partir de 28 de dezembro, neste dia começaram a aparecer sérias consequências com desabamento de casas, deslizamentos de terras que põem em risco a vida de muitas pessoas. O trabalho das autoridades é intenso em busca de soluções e para proteger os que se acham ameaçados assim como os que já perderam suas casas.

* * *

DIA 7 — O temporal que desabou sobre o município, manteve a população de Blumenau grandemente preocupada, em vista dos grandes estragos que, em alguns bairros da cidade, especialmente nas áreas de terrenos íngremes, em que se verificaram numerosos deslizamentos de terras, chegando a ameaçar muitas residências além das que foram atingidas. Choveu tanto, em alguns bairros, que a água chegou a tomar sentido inverso, jorrando da boca-de-lobo, em lugar desta dar escoamento. Ruas e casas foram, em alguns locais, totalmente alagadas, causando pânico entre a população. Felizmente não houve vítimas a lamentar, mas grandes foram as perdas de muitas famílias cujas casas foram atingidas de surpresa pela avalanche das águas e lodo.

* * *

DIA 8 — Foi aberta, no pavilhão «A» da PROEB, a Segunda Feira Têxtil de Blumenau, contando com cerca de 50 expositores.

* * *

DIA 9 — Em face das grandes dificuldades para atender as famílias prejudicadas com deslizamentos ocasionados pelo temporal em Blumenau — cerca de 60 casas atingidas — o prefeito Vilson Pedro Klei-

* * *

DIA 10 — Abertura da grande Feira, a maior do mundo, de produtos têxteis do lar, a conhecida HEIMTEX, trouxe como novidade, para os catarinenses e especialmente blumenauenses, a presença de expositores de Santa Catarina, em cerca de oito, sendo que quatro são de Blumenau. São eles: KARSTEN, TEKA, CREMER e ARTEX. A feira reuniu mais de dois mil expositores, sendo que na exposição anterior houve a visita de 55 mil pessoas.

nubing decretou estado de emergência.

* * *

DIA 19 — Segundo a imprensa, o maior nível alcançado pelo rio Itajaí-Açu em face das constantes chuvas sobre o Vale do Itajaí, foi, até este meio-dia, o de sete metros e quarenta centímetros, passando então a baixarem as águas, o que trouxe tranquilidade à população, que vinha sendo mantida em constante alerta.

* * *

DIA 24 — Segundo o Boletim expedido pela Secretaria do Meio Ambiente e Defesa Civil, foram realizadas pela Defesa Civil, em consequência das chuvas constantes caídas durante estes dias de janeiro, 126 atendimentos, que atingiram 797 pessoas, sendo dessas, 129 flageadas;

53 casas foram ameaçadas por deslizamentos de terra, além de quatro, que desabaram. O total de famílias desabrigadas foi de 26. Foi registrado um falecimento — o de Olga Fernandes. — Onze famílias foram alojadas em casas de vizinhos ou parentes, e outras 15 em abrigos improvisados pelo Departamento de Defesa Civil, como o Centro de Ensino Profissional, escolas Almirante Tamandaré, Alice Thielle e Max Tavares do Amaral; Centro Social da Fortaleza, Centro Social Urbano e na Casa das Freiras, no bairro Garcia.

* * *

DIA 25 — Uma violenta trovoadas impediu que o ato de assinatura do contrato entre a Fundação «Casa Dr. Blumenau» e a empresa Rocca, de Curitiba, fosse assinado em local previamente preparado na cabeceira da ponte metálica da antiga Estrada de Ferro Santa Catarina. Por isso, o ato solene, ocorreu no Salão Nobre da Prefeitura, tendo o documento sido assinado pelo representante da empresa contratada e o diretor-executivo da Fundação, Jornalista José Gonçalves e ratificado pelo presidente do Conselho Curador da dita Fundação, historiador Frederico Kilian. A solenidade contou com a presença de numerosas pessoas e foi presidida pelo prefeito Vilson Pedro Kleinubing.

* * *

DIA 25 — Em rápida solenidade realizada no Salão Nobre da prefeitura, o prefeito Vilson Pedro Kleinubing deu posse ao novo Assessor de Imprensa da Prefeitura. A escolha recaiu na pessoa do jornalista Oscar Jenichen, figura bastante aplaudida nos meios jornalísticos de Blumenau, pela sua reconhecida capacidade profissional. O ato foi presenciado pelo vice-prefeito Victor F. Sasse e outros assessores do gabinete do prefeito.

CARTAS

Itajaí (Rio do Jaó de Pedra), 10-02-1990.

Exmo. Sr. Dr. José Gonçalves,
DD. Diretor da Revista «Blumenau
em Cadernos» — Cidade Jardim =
Campo de Flores — Blumenau =
BLUMENAU — SC.

Lemos, com a atenção que nos merecem todos os Escritos do prezado Colega Silveira Júnior, a carta estampada às páginas 23 - 24 da nossa querida «Blumenau em Cadernos», referente a janeiro deste ano de 1990, ao qual estão chamando, por aí a fora, de «PRIMEIRO ANO DA DÉCADA DE 90», sem oposição, até ontem...

1 — Respondemos, pela ordem dos assuntos que aparecem na carta, mas começando pela DÉCADA (dê-cáda), que é termo paroxítono, escrito com acento grave (´), para abrir a sílaba DÊ, sem dar tonicidade proparoxítona (Ver Latim — DAECADIS; Grego — DAECADOS; Inglês — DAECADE; Francês — DÉCADE. Português — DÉCADA, que vem de DEKA (10, dez) + ADA (Elemento vernáculo formador de vários substantivos, exprimindo a idéia de, no caso, TEMPO, como em **noitada, jornada, década**) = DÊ-

CADA. Como se vê, **década** (Proparoxítona) é erro cometido por tipógrafo que usou, indevidamente, acento agudo, em lugar de acento grave.

2 — Reafirmamos que o Topônimo ITAJAÍ significa RIO DO JAÓ DE PEDRA! Esse jaó é o pássaro de pedra da capa do nosso «PEQUENO LIVRO», que jamais poderá ser papagaio, pois tem bico retilíneo, diferente, portanto dos dos Psitacídeos, os quais são deveras aduncos ou conirrostros.

3 — Pessoas antigas ouvidas pelo Colega Silveira Júnior, em 1949, não são diferentes das que temos ouvido na década de 90 (1981 a 1990): muitas delas ainda repetem a mesma versão de que o jaó de pedra nasceu da dinamitação do Morro, quando da passagem da Estrada para Cabeçudas (1944), sem o menor pejo.

4) — TAJAÍ «aparece desde o século XVII»; «praticamente, antes do século XIX, não se grafava o Topônimo ITAJAÍ e sim TAJAÍ».

Pela informação do nosso prezadíssimo amigo Dr. José Alberto Barbosa, baseado no Botânico Alarich R. Schulze («Botânica Sistemática» - volume II), o TAIÁ (sem confusão com taioba), NÃO É BRASILEIRO. E já em 1587 havia chegado à Bahia, conforme o Historiador Gabriel Soares de Sousa («Notícias do Brasil»). Segundo Ambrósio Fernandes Brandão, em seu «Diálogo das Grandezas do Brasil» (Pesquisa do nosso amigo J. A. Barbosa, que muito agradecemos, em 1618, tanto o taiá quanto a taioba, já haviam atingido outros setores do nosso País. Quanto à desinformação dos Botânicos, é muito valiosa a citação do nosso prezado missivista, referente au

CAPIM-JARAGUÁ, cujo nome provém do lugar onde foi encontrado em estado nativo (Jaraguá — GO). Sobre os tinhorões, entretanto, entendemos que não se podem confundir com o taiá, embora sejam da mesma Família, pois estes são comestíveis a aqueles servem apenas para ornamentação habitacional, sendo, até mesmo venenosas algumas Espécies dessas **(t)ara(s)**. — **O taiá veio das Antilhas.**

5 — «... RIO DOS TAIÁS, que é um arbusto de tubérculos comestíveis, também conhecido por taioba...!»! Respondemos: o taiá, que é uma erva de talos grossos e folhas verdes, estas que são comestíveis, uma vez que os seus tubérculos, finos, como dedos, são ardidos à nossa língua. Por isto, a composição do seu nome é: TAIÁ = TAI' (Ardido, picante, adstringente, que arde, que pica) + Á (Contração de YBÁ (Fruta, tubérculo, raiz, batata) = FRUTA QUE PICA = TUBÉRCULO QUE ARDE = RAÍZ QUE ADSTRINGE = BATATA PICANTE = TAIÁ.

A TAIOBA, da mesma Família, é bem diferente: tem talo muito grande e roxo, folha maior que a do taiá, também cordiforme, roxa, picante e sumamente ardida, por isto que se come o tubérculo e não a folha, como a do taiá, e compõe-se de TAIÁ = TAI' (Ardido, picante, adstringente, que arde, que pica) + OBA (Folha) = FOLHA QUE ARDE = FOLHA QUE PICA = FOLHA ADSTRINGENTE = TAIOBA.

Do taiá come-se a folha,
Em guisado, à feijoada;
Da taioba, sem escolha,
Só se come a batatada. Há grande diferença entre ambas as duas ervas aráceas.

6 — Larrosa — «ITA-JA-ÁI»,

que significa pedra laminada, uma ardósia muito encontrada no Município de Ilhota, também conhecida por pedra de amolar».

Contestando, ITA não é Tupi nem Carani (Guarani); ITÁ é pedra, mas JA AÍ, veja o que quer dizer: JA (Ele, ela, eles, elas, nós) e AÍ (Mal, chaga, ferida, podridão, ruím, mamãe, mano). Temos o substantivo imperfeito PEDRA; onde está o adjetivo LAMINADA? E, a final, PEDRA DE AMOLAR, em Tupi como em Carani, é ITACUI = ITAQUI = ITAQUI, de ITÁ (Pedra) + CUI (Farelo, pó, farelento, poeirento) = PEDRA FARELENTA = PEDRA POEIRENTA = PEDRA DE AMOLAR = ITAQUI.

Já fomos chamados, amistosamente, pelo Colega e amigo Dr. E-

néas Athanázio, de «INIMIGO DOS CHUTES»... e continuamos, porque não os admitimos.

Cabe, aqui, parte da resposta que demos, antes, a valiosíssimas pesquisas efetuadas, em nossa ajuda pelo grande amigo Escritor-Historiador-Tupinólogo, Dr. José Alberto Barbosa, Promotor de Justiça aposentado e Advogado em Jaraguá-do-Sul — SC: «não devemos continuar a procurar cabelo em pele de rã: temos um marco que data de milhões de anos e que deu nome a ITAJAÍ — o Jaó de Pedra!»

Com grandes abraços aos Amigos José Gonçalves, José Alberto Barbosa, José Athanázio e Silveira Júnior, ex-corde,

Hermes Justino Patrianova

Restaurando o nosso mais antigo patrimônio

Graças à colaboração, através de doação — inclusive com benefícios da Lei 7.505 — Sarney —, a Fundação «Casa Dr. Blumenau» tem conseguido suportar os encargos de manutenção em boas condições de dois dos mais belos e valiosos patrimônios históricos no campo da arquitetura do passado. Trata-se das casas em que se encontra o Museu da Família Colonial e a que é ocupada pela sra. Renate Rockhol, ao lado da primeira.

A casa em que reside dona Renate, data do ano de 1858 e foi ocupada, primitivamente, pelo sr. Wendenburg, que, além de ter ocupado o cargo de guarda-livros junto ao Dr. Blumenau, nas primeiras décadas após a fundação, também foi Diretor da Colônia, na época em que o fundador achava-

se na Europa. Esta casa, portanto, é a primeira casa em estilo enxaimel construída em Blumenau e ainda hoje existente. Diversos reparos acabam de ser feitos na mesma, que sofreu bastante com as cheias de 83/84 e com a própria ação do tempo. Suas paredes, em que se encontravam várias fendas, foram reparadas e pintadas, seus alicerces reforçados com colunas de tijolos e seu telhado foi todo removido, limpo e realinhado, principalmente na parte frontal da residência.

Por outro lado, a casa em que se acha o Museu, a da frente para a Alameda Duque de Caxias, que foi construída em 1864 e na qual residiu primitivamente o sr. Victor Gaertner, sobrinho do Dr. Blumenau, que veio para cá ainda na dé-

cada de 1850, também sofreu diversos e importantes reparos, com a recuperação de toda a cobertura, limpeza das telhas, realinhamento, etc., o que possibilitará um longo período de segurança contra chuvas. A varanda também foi alvo de atenções, tendo sido retirado um assoalho que já não permitia segurança e por outro lado impedia a circulação de ar sob a casa. Os alicerces também foram revisados, tendo sido recuperado alguns barroteiros que já não ofereciam segurança.

Com este trabalho de manutenção, cujas despesas foi possível atender graças à colaboração de numerosas empresas e pessoas físicas que não têm se negado jamais a dar este apoio para a preservação de tão importantes patri-

mônios de nossa história, está garantida a sobrevivência destas casas por muitos anos e haverão de atravessar novo século, já que, muito em breve, a lei que regulamenta tombamento de patrimônios históricos de Blumenau, será sancionada pelo prefeito municipal e, já está definido que estas duas mais antigas residências de Blumenau serão as primeiras a serem tombadas.

Na oportunidade deste registro, a Fundação «Casa Dr. Blumenau» sob cujos cuidados estão tais patrimônios desde sua criação em 1972, agradece sensibilizada aos que não têm medido esforços para colaborar com este trabalho, fazendo doações afim de preservar a memória viva da história de nossa colonização

NA ANTIGA COLÔNIA DE JOINVILLE

A primeira exposição agroindustrial

Elly Herkenhoff

«Três dias já se passaram desde a abertura da Exposição mas a alegria da festa continua acesa, continuam ondulando bandeiras e mais bandeiras nas fachadas das casas adornadas de pemáceas, gente em roupa domingueira continua enchendo as ruas, continuam se acotovelando os visitantes no recinto da Exposição e os sedentos se acotovelando nos bares ambulantes. Tudo é festa, tudo é alegria, para todas as idades!»

Este o trecho inicial do extenso relato, publicado no semanário «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia) de sábado, 22 de agosto de

1874, sobre a Primeira Exposição Agro-Industrial de Joinville.

E continua o relato:

«Até mesmo o céu, que no início vinha ameaçando com nuvens negras, hoje se apresenta de cara alegre, prometendo um encerramento feliz da festa, tão magnificamente iniciada. O que podemos afirmar, desde já, é que a exposição vem ultrapassando todas as expectativas e que, apesar dos modestos recursos financeiros disponíveis e apesar da oposição e da indiferença e da zombaria, que a Comissão Organizadora teve de enfrentar, o resultado do evento já

conseguiu fazer calar até os mais acirrados opositores...

E já que, pelo visto, ninguém precisava contar nada aos joinvillenses, porque estes — com raríssimas exceções — de tudo haviam participado, o «Kolonie-Zeitung» continua relatando «para os leitores de outras localidades», o que foi o início da festa em Joinville, naquele radioso domingo de agosto de 1874:

«Com tiros de morteiros e ao som da banda de música dos ginastas percorrendo as ruas, a população foi despertada, antes mesmo da alvorada, no domingo, d'a 16. Milhares de mãos estavam ainda ocupadas na ornamentação das casas, colocando palmeiras e afixando guirlandas nas fachadas, e ao nascer do sol, a cidade inteira ostentava um sem-número de bandeiras, tanto brasileiras como alemãs. Inúmeros colonos das estradas mais afastadas vinham chegando, a cavalo ou de carroça. Da cidade de São Francisco e de localidades próximas, do Cubatão e até mesmo do Rio Negro, na Província do Paraná, dias antes já haviam chegado visitantes. O Presidente da Província, porém não esteve presente e nem tampouco se fez representar.

Às 11 horas da manhã, o Diretor interino da Colônia, Dr. Ottokar Doerffel, em companhia dos membros da Comissão Organizadora das festas, dirigiu-se ao pátio em frente ao edifício da Exposição, onde já se encontrava o coral da «Saengerbund» (Liga de Cantores) e a banda de música dos ginastas...

E continua o relato, com o discurso proferido por Ottokar Doerffel, após a apresentação de algu-

mas canções pelo coral e diversas músicas pela banda — um extenso discurso, no qual o orador faz um retrospecto dos 23 anos de existência da Colônia Dona Francisca e uma comparação com o «Velho Mundo» — a culta Europa, onde empreendimentos semelhantes levaram decênios e até nos Estados Unidos da América, onde as veias recém-abertas costumam ser impulsionadas a vapor, um resultado como este por nós alcançado, raramente e só em casos isolados se verificam. E, falando das inúmeras dificuldades, que se contrapõem ao progresso em pequenas colônias como Dona Francisca, o orador não deixa escapar a oportunidade para tecer severas críticas ao Governo da Província, em razão dos impostos altíssimos de exportação e importação, não apenas sobre os produtos da nossa indústria, mas também da agricultura, para os quais os mercados consumidores ainda deverão ser conquistados — tarefa difficilima, senão impossível, diante da pesadíssima tributação imposta pelo Governo Provincial...

Em seguida, o orador explica o real significado da Exposição de Joinville, e expressa os seus agradecimentos a alguns vizinhos «do Oeste e do Leste», ou seja, de S. Francisco e Rio Negro, participantes do evento, os quais, possuindo maior prática na agricultura, poderão nos ensinar muita coisa que desconhecemos.

E, após mais algumas apresentações do coral, Ottokar Doerffel assim finaliza:

«Salve cada passo que nos conduz para a frente! Salve o governo de um país que promove e

fomenta o progresso! O Governo do nosso País nos deu a sugestão e os meios para este empreendimento. Em nome de todos, cumprio o dever de expressar a nossa gratidão ao Governo, Sua Majestade o nosso Imperador Dom Pedro Segundo! Viva! Viva! Viva!!!»

Serenada a calorosíssima e demorada manifestação por parte dos presentes, a Exposição é aberta ao público ansioso, que imediatamente superlota o prédio da Direção da Colônia, então situado no alto da atual rua do Príncipe, no lugar do prédio — ali existente desde 1906 — e preservado, face ao seu valor histórico, pela Diretoria do Banco do Brasil, que ao lado construiu o moderno edifício de sua agência de Joinville.

Embora o «Kolonie-Zeitung» não nos forneça uma descrição dos objetos expostos no interior do sobrado e nem tampouco dos animais apresentados nas dependências externas, poderemos imaginar a variedade e a riqueza dos produtos, não apenas da agricultura e da pecuária, mas também e sobretudo da área industrial, pela relação dos premiados — 1º, 2º e 3º prêmios — publicada no jornal de sábado, 3 de outubro daquele ano.

Os produtos premiados da agricultura e pecuária, em número de 71, vão desde uma extraordinária vaca leiteira a uma coleção de canários até as amostras de mel de abelhas e raízes gigantes de al-pim e buquês de flores, cultivadas nos jardins da Vila de Joinville.

Na secção industrial, é mais farta ainda a diversificação dos objetos premiados: são os móveis de madeira de lei, então já afamados e exportados em grande escala, principalmente para o porto de

Santos. São os vernizes, os preparados químicos e farmacêuticos, entre os quais um antídoto contra veneno de mordida de cobra. São as maravilhosas fotografias das vistas panorâmicas e os retratos de personalidades e famílias da Vila. São as várias espécies de couro, são os móveis de vime, são as qualidades de refrescos, as cervejas, os vinhos, as conservas, os charutos, as velas e os sabões, as tortas e os pães, os sapatos e os tamancos, os artísticos trabalhos manuais, feitos por mãos de fadas joinvilenses, os chapéus para senhoras, de linhas moderníssimas, os ternos para cavalheiros, as peças de madeira entalhada, as botas bordadas e as flores artificiais. E os trabalhos magníficos de tornearia, funilaria, ferraria, carpintaria, serralheria, tanoaria, selaria — um sem número de objetos, entre os quais — como novidade — uma balança de alavanca, para 100 Kg, ao lado de curiosidades extraídas dos sambaquis e ainda uma coleção de insetos e outra, igualmente preciosa, de uma verdadeira «História Natural» — e uma infinidade de outros produtos da então já florescente indústria de Joinville...

É interessante fazermos aqui uma rápida incursão no terreno dos números e das estatísticas, para avaliação do pronunciamento do Diretor Otokar Doerffel, sobre a sua, a nossa Colônia Dona Francisca e o progresso então alcançado no curto espaço de 23 anos.

Segundo o Capitão Theodor Rodowicz-Oswieczymsky, autor de uma das mais preciosas obras sobre o início da colonização de Joinville, «Die Kolonie Dona Francisca in Suedbrasilien» (A Colônia

Dona Francisca no Brasil Meridional), existiam aqui, a 1.º de julho de 1852, os seguintes profissionais:

1 predicante, 4 professores, 3 estudantes, 1 jurista, 3 médicos, 4 farmacêuticos, 1 arquiteto, 3 guarda-florestais, 6 carpinteiros, 2 pedreiros, 3 oleiros, 1 canteiro, 14 marceneiros, 1 torneiro, 1 vidraceiro, 3 engenheiros, 2 mecânicos, 2 ferreiros, 1 arameiro, 1 caldeireiro, 2 ourives, 2 açougueiros, 1 padeiro, 3 jardineiros, 1 cervejeiro, 3 tintureiros, 1 pintor, 3 charuteiros, 1 vinagreiro, 2 tecelões, 1 cordoeiro, 1 segeiro, 1 funileiro, 2 ceramistas, 2 tanoeiros, 2 jornaleiros, 4 marinheiros, 139 agricultores — além de 16 oficiais do então já dissolvido exército alemão, combatente na Guerra Teuto-Dinamarquesa, pela posse dos antigos Ducados alemães de Schleswig e Hostein.

Ainda segundo o mesmo autor, a primeira indústria aqui instalada foi uma olaria «um pouco afastada do núcleo» no final de uma picada, então chamada «Ziegeleistrasse» (Rua da Oleria), e que hoje tem o nome de Rua do Príncipe — no coração de Joinville.

De acordo com o relatório remetido a 27 de dezembro do mesmo ano de 1852 pelo Diretor da Colônia, Benno von Frankenberg-Ludwigsdorf, ao Presidente da Província de Santa Catarina, então já eram 4 as indústrias: 1 olaria, 1 fábrica de massas alimentícias, 1 de vinagre, 1 de charutos, além de 1 ferraria e oficinas dos vários artesãos.

Já o relatório remetido pelo Diretor ao Governo da Província em dezembro do ano seguinte — 1853 — quando a Colônia contava 757 habitantes, contra 690 do ano

anterior, anunciava o funcionamento das seguintes indústrias: 1 olaria, 1 cerâmica, 1 cervejaria, 2 fábricas de charutos, 2 engenhos de arroz, 1 de mandioca, 2 de milho, 2 de açúcar — e já havia então 5 vendas, 3 padarias, 3 açougues e 2 hospedarias.

Ainda segundo o relatório de dezembro de 1853, durante aquele ano, 60 imigrantes haviam deixado a Colônia, indo para centros maiores do País e alguns até para Montevideu.

O número acima de retirantes, no espaço de 12 meses, não deverá surpreender. É certo que nem todos os que para aqui vieram, aqui efetivamente se enraizaram — nem naquele início da colonização, nem nos anos e nas décadas seguintes, porque dificilmente e somente em casos raríssimos, a realidade nua e cruel aqui encontrada, correspondia à imagem concebida pelo imigrante, educado e ambientado no mundo de cultura milenária da Europa...

Mas também é certo que aqueles milhares de imigrantes anônimos e quase esquecidos, que efetivamente conquistaram o chão da nova pátria com sangue, suor e lágrimas, foram os batedores, os responsáveis pelo desenvolvimento incomum da Colônia Dona Francisca, desde os seus primeiros anos.

E é certo também, que os artesões — em número aparentemente exagerado — foram os precursores e fundadores da indústria de fundo de quintal, então e durante décadas e até hoje florescente, ao lado das modernas e potentes indústrias locais.

Segundo o relatório elaborado em fevereiro de 1857 pela Direto-

ria da Associação dos Proprietários de Terras, durante o ano de 1856 a Colônia já exportava em maior quantidade, para São Francisco, Desterro, Paranaguá e até mesmo para o Rio de Janeiro, alguns de seus produtos, como as madeiras beneficiadas, móveis, vinagre, licor, cerveja e charutos.

E já em 1868, quando a população da Colônia era de 5.237 almas, a exportação de produtos agro-industriais — segundo a estatística publicada em fevereiro de 1869 — havia atingido em total de 112\$000.000 contra 82\$000.000 de mercadorias importadas. Foram exportados:

Madeiras beneficiadas, móveis, couros curtidos, carros e carroças, charutos, terramenias e peças trabalhadas de funilaria, serralheria, seralaria, tornearia etc., roupas feitas, polvilho de araruta, arroz pilado, álcool, manteiga, mel, goma e outros produtos. Foram importados:

Materias-primas para as indústrias, farinha de trigo, tecidos, gado, tabaco da Bahia, vinhos, carne seca, saboões, terragens e outras miudezas.

Ainda segundo aquela estatística, em 1868 existiam na Colônia 30 casas comerciais, 3 farmácias, 2 igrejas, 2 capelas, 7 cemitérios, 11 escolas, sendo 5 no núcleo da Colônia e 6 na zona rural, para um total de 400 alunos, dos quais 238 nas escolas do núcleo e 162 na zona rural.

Circulavam então pelas nossas ruas, estradas e picadas, ao todo 212 carros e carroças de 4 rodas, e existiam 22 canoas, 6 barcos, 2 embarcações maiores e 1 hiate. E, segundo uma notícia publicada com destaque pelo «Kolonie-Zeitung» de

24 de abril de 1869, no dia 11 daquele mês havia sido lançado às águas do Cachoeira mais um hiate, montado pelo construtor naval Carl Beust, sendo aquela a maior embarcação até então construída em Joinville.

No ano da Grande Exposição — em 1874 — aqui estavam estabelecidos, além dos colonos da zona rural, os seguintes profissionais:

44 marceneiros, 32 carpinteiros, 1 construtor naval, 4 torneiros, 14 ferreiros, 2 caldeiros, 12 segeiros (fabricantes de carruagens), 10 serralheiros, 3 curtidores, 4 tanoeiros, 30 charuteiros, 2 ceramistas, 20 oleiros, 12 moleiros, 10 funileiros, 38 sapateiros, 6 tamanqueiros, 9 seiros, 1 cordoeiro, 1 fabricante de sabão e vela, 3 fabricantes de bonés, 1 fabricante de pentes, 20 pedreiros, 1 cesteiro, 38 alfaiates, tintureiros, 4 tipógrafos, 3 encadernadores, 7 padeiros, 10 açougueiros, 2 relojoeiros, 3 jardineiros, 22 costureiras, 16 carroceiros, 16 barqueiros, 10 taberneiros, 2 hospedeiros, 48 comerciantes, 5 farmacêuticos, 2 médicos, 2 cirurgiões, 1 enfermeiro, 6 parteiras, 1 fotógrafo, 16 professores, 3 professoras, 4 coveiros.

Segundo a relação acima, entre os profissionais então aqui estabelecidos, havia um fabricante de sabão e velas, cujos produtos foram premiados na Exposição. O nome do fabricante é Friedch Louis Wetzel, imigrado da Alemanha com a família em 1856. Segundo o Volume I da Coleção «Famílias Brasileiras de Origem Germânica» — editado em 1975 pelo instituto Hans Staden, S. Paulo, Friedrich Louis Wetzel era marceneiro e começou trabalhando em sua profissão du-

rante o dia, fabricando, à noite, sabão e velas, produtos esses que vendia em caminho para o serviço, dando assim origem à atual Cia. Wetzel S.A. — a mais antiga indústria joinvilense, portanto, com cerca de 130 anos de atividades.

No mesmo ano de 1874, foram exportados para o Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Curitiba, Desterro (Florianópolis), Rio Negro e localidades do Planalto além da Serra, bem como para Montevidéu e vários portos da Europa, os seguintes produtos:

Madeiras beneficiadas, móveis, carroças, calçados, roupas feitas, couros curtidos, peças trabalhadas de funilaria, serralheria, selaria etc., cal, ferro, tijolos, telhas, tabaco, charutos, açúcar, álcool, manteiga, polvilho de araruta, arroz descascado e outros produtos, no valor de 370\$000.000.

Foram importados no mesmo ano:

Matérias-primas para as indústrias, gado, tecidos, farinha de trigo, tabaco da Bahia, carne seca, toucinho, açúcar, erva-mate e outros produtos, no valor total de 320\$000.000, havendo assim um superávit de 50\$000.000.

As mercadorias importadas eram procedentes da Europa, do Rio de Janeiro e de localidades do Planalto, além da Serra.

Conforme vimos, entre os produtos importados em 1873 figura a erva-mate, produzida e beneficiada no Planalto e já então — segundo se conclui — de bastante consumo em Joinville.

No entanto, o interesse do comércio joinvilense pela erva ia

muito além, pois uma notícia publicada no «Kolonie-Zeitung» de 19 de setembro de 1874, nos dá conta de uma reunião de vários comerciantes locais, para um debate sobre as possibilidades de uma intensificação do comércio da erva-mate, já que o avanço relativamente rápido da Estrada Dona Francisca — em construção desde 1858 — permitira a partir de então, o transporte direto da erva, do Planalto para Joinville e São Francisco. Projetava-se a formação de uma Sociedade Anônima, com a participação de comerciantes do ramo, estabelecidos em Rio Negro e de comerciantes locais. A notícia não cita nomes, mas é de se concluir que entre os interessados joinvilenses incluíam-se os nomes Lepper, Trinks, Schlemm, Jordan — nomes que, mais tarde e durante anos, estariam ligados ao comércio ervateiro.

Por motivos hoje insondáveis, o projeto não se concretizou e somente em 1877, com a vinda do industrial ervateiro Antônio Sinke, de Morretes para Joinville é que teve início uma nova fase, importantíssima, do desenvolvimento sócio-econômico e político de Joinville, sobretudo após a mudança de diversos outros industriais do mesmo ramo — até então atuantes no Paraná — que aqui vieram dedicar-se ao beneficiamento e à comercialização da erva-mate, transportada pela Estrada Dona Francisca, nos inconfundíveis carroções — os assim chamados «São-Bentowagen» (Carroças de São Bento), do Planalto para Joinville.

(Continua no próximo nº.)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Nestor Seara Heusi — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA
COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ
VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E
ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE
NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS
IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM
ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA
INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS"
E A HERING TÊM MUITO EM COMUM.
ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS
VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA